

A voz de polichinelo¹

Bruno Leone
Guarantellaro (Itália)



Storie di Pulcinella (1979). Teatro de Guarantelle. Direção de Bruno Leone. Foto de Davide Leone



Storie di Pulcinella (1979). Teatro de Guarantelle. Direção de Bruno Leone. Foto de Bruno Leone



Un intervento al Cimitero delle fontanelle Napoli (2009). Teatro de Guarantelle. Direção de Bruno Leone. Foto de Bruno Leone

¹ Tradução de Carlos Eduardo Silva, educador, pesquisador, bonequeiro, ator e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura (UFSC). Atualmente pesquisador do processo criativo da ópera *Otello*, de Verdi-Boito, e de Óperas Italianas do século XIX.

Resumo: O presente artigo estabelece uma reflexão sobre a importância da célebre voz de um dos personagens mais famosos do teatro de bonecos italiano, o Polichinelo da tradição napolitana. O texto parte das experiências do próprio autor e bonequeiro Bruno Leone e aborda o ato da fala como constitutiva da identidade do referido personagem e alçado para além da mera compreensão verbal. Aborda desde a produção da voz do famoso boneco é feita com a *pivetta* e é usada em todo o mundo em personagens semelhantes ao Polichinelo, como o *Mr. Punch*, na Inglaterra; o *Polichinelle*, na França; ou *Karagoz*, na Turquia. A voz dá a impressão de que o boneco tem vida própria e que as suas ações e movimentos não são determinados pela vontade do bonequeiro, mas por uma liberdade própria que lhes permite lidar com as coisas de maneira autónoma, saindo das armadilhas que a cultura impõe. A voz e a fala dos bonecos representam um mundo distinto do que conhecemos, o bonequeiro deve dar passagem a este mundo.

Palavras-chave: Polichinelo. Voz. Tradição. Linguagem de animação. Teatro de Bonecos.

Abstract: The following article lays down a reflection about the importance of the renowned voice from one of the most famous characters of the Italian puppet theatre, the Pulcinella of napolitan tradition. The article begins from the experiences of the author and puppeteer Bruno Leone and approaches the act of speech as constitutive of the identity of said character and takes it beyond mere verbal understanding. It approaches since the production of the voice of the famous puppet which is made with the *pivetta* and it's used all around the world in similar characters to Pulcinella, like *Mr. Punch*, in England; o *Polichinelle* in France; or the *Karagoz*, in Turkey. The voice gives the impression that the puppet has it's own life and that it's actions and movements are not determined by the will of the puppeteer, but for a freedom of it's own that makes it possible to deal with things in a autonomous way, leaving the traps that culture imposes. The voice and speech of puppets represent a distinct world from the one we know, the puppeteer must make way to this world.

Keywords: Pulcinella. Voice. Tradition. Animation Languages. Puppet Theatre.

A voz do Polichinelo é obtida com um instrumento particular, a *pivetta*². Esse instrumento funciona como uma corda vocal artificial, colocado sob o palato, emite sons apenas com a passagem do ar, em seguida, com o movimento dos lábios e da língua articulam-se as palavras.

A *pivetta* é usada em todo o mundo para dar a voz a personagens que são muito semelhantes ao Polichinelo. Temos o *Mr. Punch*, da Inglaterra; o *Polichinelle*, da França; e tantos outros que parecem ter copiado o Polichinelo italiano. Mas não só na Europa, no Egito temos o *Karagoz*; no Irã, o *Mobarak*; na Índia, as marionetes do Rajastão; e na China, o pequeno vendedor de tofu, cuja origem é mais incerta.

Essa difusão permanece misteriosa e a semelhança entre os vários personagens não consta em documentos históricos.

Os bonequeiros de todo o mundo frequentemente consideram essa voz um segredo que não pode ser revelado. O uso da *pivetta* vem sendo ensinado só aos bonequeiros que demonstram merecer o aprendizado.

Todos esses “mistérios” acentuam o aspecto mágico dessa voz, sobretudo o fato de não ser humana dá ao boneco uma força particular que fascina quem a escuta. Tem-se a impressão de que o boneco tem vida própria e que as suas ações e movimentos não são determinados pela vontade do bonequeiro, mas por uma liberdade própria que lhes permite lidar com as coisas de maneira autônoma, saindo das armadilhas que a cultura impõe. As nossas ideias e convicções são condicionadas pelo mundo que nos circunda, pelo sistema de poderes no qual vivemos, pelas informações que nos são dadas. O boneco, quando consegue agir com plena liberdade, transforma as nossas convicções e nos mostra um possível caminho para seguirmos além das aparências.

² A *pivetta* é um pequeno instrumento que se insere na boca, entre a língua e o palato, para emissão de um som estridente, similar aos apitos internos de brinquedos, comumente utilizados por artistas de rua no Brasil, que o utilizam para representar o som do choro de bebês ou de gatos capturados.

Essa voz do Polichinelo é usada substancialmente de duas maneiras nas diversas tradições. Nos espetáculos do Dom Roberto, em Portugal; do *Mobarak*, no Irã; das marionetes do Rajastão; os vários personagens falam todos com essa voz. Nas outras tradições é só o Polichinelo que usa essa voz, os outros personagens falam com a voz do bonequeiro. A primeira maneira transporta todos os personagens do espetáculo para um mundo mágico, no Dom Roberto parece até que são todos variantes do mesmo personagem. É de se pensar que esse modo espetacular tenha uma origem ritual, mágico-religiosa, onde a voz produzida serve bem para representar mundos desconhecidos. A segunda maneira acentua o contraste entre o Polichinelo, que representa nosso lado mais escuro e mais profundo, e os outros personagens que simbolicamente representam o mundo ao nosso redor. Assim, o espetáculo inteiro se torna a representação de uma luta entre nossos desejos mais antigos e íntimos e os obstáculos que o mundo em que vivemos continuamente nos coloca, impedindo-nos de realizá-los. Isso imprime um pouco toda a dramaturgia do espetáculo. A voz do Polichinelo alternada com as vozes dos outros personagens determina os diálogos da história que está sendo representada. As palavras dos bonecos nos permitem lidar com problemas da vida cotidiana de maneira incomum e, em particular, a voz do Polichinelo é o motor primordial desse mecanismo.

Escreve Agamben, “A voz – o gesto – do Polichinelo mostra que ainda há algo a ser dito quando não é mais possível falar, assim como suas piadas mostram que ainda há algo a ser feito quando toda ação se torna impossível” (2017, p. 109)³. Além disso, no seu “Polichinelo ou Divertimento para os jovens”, Agamben conta como nos dias atuais, onde parece que o mundo caminha em direção à catástrofe, o Polichinelo pode representar uma fuga: “*Ubi*

³ NT: no texto original, a citação de Agamben aparece da seguinte maneira, “*La voce – il gesto – di Pulcinella mostra che c’è ancora qualcosa da dire quando non è più possibile parlare, così come i suoi lazzi mostrano che c’è ancora qualcosa da fare quando ogni azione è diventata impossibile.*”

fracassorium, ibi fuggitorium” (onde há catástrofe, pode-se encontrar uma via de escape).

Gostei muito dos livros de Agamben que dão origem a reflexões muito profundas. Ouvir coisas tão belas e importantes sobre nosso mundo, a partir de um filósofo, nos consola e faz pensar que algumas de nossas fantasias de bonecos podem ter uma base mais profunda do que parece.

Pensei em me tornar bonequeiro aos 29 anos. Antes disso, não tinha encontrado nada que pudesse realmente me satisfazer. Quando jovem, pensava em mudar o mundo e quando percebi que o mundo não queria ser mudado por mim, tive uma grande decepção. Vi que estava indo em uma direção que não me faria feliz e a relação com os bonecos era uma maneira de escapar de uma vida que não me satisfazia.

Conheci Nunzio Zampella, um velho bonequeiro cansado de uma vida errante, um pouco doente e decepcionado, quando abandonou sua arte e vendeu biombo e bonecos. Eu senti que se estava perdendo algo importante e muito fiz e o estimei para que retornasse à atividade, foi quando me tornei seu aluno.

Quarenta anos se passaram desde então e vejo que esse caminho se desenvolveu muitíssimo desde quando foi iniciado, especialmente com o nascimento de tantos outros bonequeiros, mestres da minha geração e de outras gerações após a minha.

Os ensinamentos de Zampella sobre aspectos técnicos não eram explícitos. É como se ele quisesse transmitir-me o espírito dessa arte, independentemente de qualquer técnica codificada. Tudo tinha que fazer parte desse princípio único: “a voz e o movimento dos bonecos caminham juntos, numa única música, e é essa música que encanta o público”. Os bonecos podiam dizer coisas sem sentido contanto que entrassem nesse ritmo. Dizer coisas “inteligentes” sem ritmo não servia para despertar a participação do público. Isso poderia fazer os bonecos parecerem seres estúpidos que não conseguem entender o mundo. Não é assim que parece.

Por isso, é essencial entender que a “fala” dos bonecos é feita

simultaneamente com as palavras e o movimento, que as duas coisas andam juntas e se comunicam mais efetivamente quando estão “sintonizadas” entre elas.

É como se as coisas que os bonecos pudessem dizer viessem primeiro do pensamento racional. Precisamente, é graças a isso que conseguem dizer algo quando o pensamento racional já não é capaz de dar respostas satisfatórias às nossas muitas perguntas. Daí vem sua capacidade de encantar.

A arte da qual me aproximei é chamada de “arte das *guarattelle*”⁴ e é uma das formas mais antigas que continua a se estabelecer e a se espalhar em um mundo que parece estar sofrendo mudanças muito profundas.

Existem alguns aspectos básicos dessa arte que, apesar do passar dos anos, não foram perdidos. Em primeiro lugar, seus intérpretes não são homens, mas bonecos que manifestam suas ações com movimento e voz fornecidos por um homem, mas que parecem não ter relação com a vontade deste, ou seja, parecem ter vida própria.

Sempre foi dito que o boneco tem uma certa liberdade de ação porque é diferente daqueles que o animam. Na arte das *guarattelle* há um elemento que reforça ainda mais essa diferenciação, a voz do Polichinelo.

Dizia meu professor, que essa voz diferencia a arte das *guarattelle* napolitanas de qualquer outra arte e que é fundamental fazer o Polichinelo falar com essa voz, mesmo que não se entenda aquilo que ele fala. “Mesmo que não entendamos o que ele diz, vemos que o Polichinelo falou com sua própria voz, e é isso que nos encanta, porque um ser aparentemente sem vida própria, move-se e fala!”

Essa diferença de voz cria uma enorme distinção entre o Polichinelo e os outros personagens, é como se o primeiro tivesse

⁴ NT: As *guarattelle* são fantoches, bonecos de luva, tradicionalmente napolitanos que corresponderiam aos mamulengos brasileiros, a título de comparação. O termo advém do verbo “*guattare*” oriundo de “*agguattare*” (“*acquattare*”) = “esconder-se”, pelo fato de que o bonequeiro expõe e esconde os bonecos de luva atrás do biombo conforme o jogo de cena.

mais força que os demais e é isso que lhe permite escapar das situações difíceis.

Nesta arte há um repertório base que não teve mudanças radicais ao longo dos séculos.

O Polichinelo, com sua voz e sua dança, encena o desejo de viver em sua essência primordial. Teresina, sua noiva e com quem começa e termina cada espetáculo, representa a própria vida; o encontro de ambos na dança representa o começo e o fim de cada ação, cuja força motriz é o amor. Todos os outros personagens, o cachorro, o *guappo*⁵, o policial, o monge, o carrasco, representam os obstáculos que podemos encontrar na realização do nosso desejo mais profundo que é viver. Além desses, tem a morte representando o mistério que paira, que tira a vida, geralmente, fala pouco e se expressa acima de tudo com mímica. O Polichinelo consegue afastá-la com suas piadas e seu jogo.

As histórias que são representadas se desenvolvem nos jogos de esconde-esconde entre o Polichinelo e os outros personagens. As sequências possíveis são apenas bases que podem ter variações infinitas e podem ser montadas em ordens diferentes. O repertório clássico não é uma representação rígida, mas permite infinitas possibilidades de representação em que as pequenas histórias tomam forma com diferentes interpretações e distintas montagens das sequências.

A diferença de voz entre os vários personagens valoriza o valor simbólico e, como o espetáculo em sua essência, é, acima de tudo, um ritual que deseja exaltar a vontade de viver. O Polichinelo, que representa exatamente isso, tem essa voz mágica que domina as outras vozes e, como dito, consegue até mesmo afastar a morte.

Por que nos servimos de uma voz misteriosa e às vezes incompreensível como a do Polichinelo, para exprimir isso?

A voz do Polichinelo, tão misteriosa, sugere a ideia de uma

⁵ NT: uma espécie de malandro, conquistador sem escrúpulos para alcançar seus objetivos.

voz pré-humana, que existia antes da palavra se desenvolver. Essa voz nos remete a um ser que está apenas aprendendo a falar, que representa a nós mesmos antes de termos aprendido a língua, e é esse ser que nos ajuda a superar momentos difíceis, onde parece que não há mais “saída”.

Num mundo que muda tão rapidamente, descobrimos que apenas persegui-lo é muito perigoso, pois, de repente, podemos nos encontrar diante de um precipício onde não nos reste alternativa a não ser cair. Paradoxalmente, é esse ser primordial, “pré-humano”, que pode ajudar-nos a reconhecer o abismo e evitá-lo. É isso que pode nos fazer seguir rumo ao futuro sem tropeçar e cair.

Não é uma questão de retornar a um passado que não existe mais e que poderia nos oferecer segurança. Se trata de não perder a base vital que está no princípio, a premissa de cada ação, que nos ajuda a não cometer erros.

O repertório é a base onde isso é construído. Cuidado, porém, para não fazer com que essa base se torne um corpo morto. É por isso que a palavra “tradição” não me agrada muito, porque pode nos fazer pensar que há uma base que deve ser preservada e repetida sem mudanças. A arte da *guarattelle* está fora da estrutura do tempo e, graças a isso, passa sem envelhecer. Para mim, o repertório não é uma tradição a ser preservada, mas contém a base de uma linguagem que pode nos servir para enfrentar várias questões que a vida nos apresenta, assim como uma linguagem adquirida que nos permite falar, comunicar e resolver os vários problemas através da palavra. A diferença fundamental entre as várias línguas que usamos para comunicar algo é que a língua dos bonecos é diferente, chega a se comunicar mesmo quando as palavras não são compreendidas; uma língua que preserva o aspecto “mágico” das palavras quando foram usadas pela primeira vez pelo homem.

Enquanto a vida segue tranquila e não aparecem problemas intransponíveis, podemos apreciar agradavelmente o repertório base, desde que a sua interpretação seja sempre gratuita, e dentro dela possamos facilmente encontrar lugar imediato, novo e único no

momento em que aparecer. É isso que sempre fez a diferença entre uma arte popular e uma arte burguesa. Para mim, a verdadeira arte popular não oferece modelos definidos, porque coloca a liberdade de contradição acima de tudo. A arte ligada a qualquer forma de poder é a que precisa oferecer modelos a serem respeitados para que o equilíbrio de forças não sejam colocados em debate. Não por acaso que durante os regimes autoritários o teatro de bonecos popular tenha sido proibido.

Quero contar a história de um espetáculo que nasceu num momento em que parecia que o repertório base não poderia me ajudar em nada.

Quando eclodiu a primeira guerra no Iraque e temia-se que uma terceira guerra mundial estivesse prestes a surgir, houve uma manifestação contra a guerra em Nápoles. Vários artistas foram convidados a expressar seus pensamentos através de suas artes. Eu era um daqueles artistas e estava realmente mal porque sentia que não fazia sentido para o Polichinelo falar contra a guerra. Na verdade, no espetáculo tradicional, “Guerra, guerra!” é um grito típico dado pelo Polichinelo antes de cada combate. As “pauladas” sempre foram a parte central e divertida de todos espetáculos de *guarattelle*. Como eu poderia pensar que o Polichinelo poderia renunciar a esse prazer, para si e para o público? Senti os limites do meu trabalho. Percebi, então, que um dos efeitos devastadores dessa guerra iminente era justamente tolher de mim e do público o prazer do jogo de paródias sobre os problemas que a vida pode nos oferecer. Infelizmente, às vezes, é muito difícil ignorar o mal quando atravessa também a nossa alma, não podemos ignorá-lo. Como os bonecos poderiam contar essa terrível condição sem trair a própria natureza? Depois, o bonequeiro estava tão desorientado que os bonecos não poderiam ignorá-lo, e quando os bonecos sentem os problemas do bonequeiro, para eles, é o fim.

Nasce assim, quase sozinha e de improviso, uma cena que parecia derrubar as situações clássicas do repertório. Todos os personagens, inimigos clássicos do Polichinelo: o cachorro, o

guappo, o policial... chegam na cena fazendo ameaças terríveis, mas antes de prosseguirem com suas intenções, morrem de repente. O Polichinelo, sem entender o que esta acontecendo, chama o bonequeiro para perguntar por que todos morreram sozinhos antes que ele pudesse espancá-los. O bonequeiro diz ao boneco que essa é a consequência da guerra e todos morrem antes que Polichinelo possa lutar com eles. Polichinelo não consegue entendê-lo e diz que essa guerra, que não lhe permite fazer “a” guerra, é horrível, pois ele é que pretende fazer a guerra. É um paradoxo que ressalta uma das consequências da verdadeira guerra em curso, impedir ou tirar do lugar o divertimento que é, sem dúvida, uma das manifestações primordiais da alegria de viver. O bonequeiro promete ao Polichinelo trazer-lhe o pior homem do mundo para que o boneco pudesse finalmente matá-lo. Polichinelo, munido de bastão, fica contente porque pode fazer aquilo que mais lhe diverte, mas encontra-se de frente com outro Polichinelo, reconhece-o como irmão, joga fora o bastão e, quando vai abraçá-lo, o outro Polichinelo morre e o sobrevivente termina o espetáculo saudando o público e debatendo-se na ribalta. A emoção e o sentimento de desorientação que o início de uma verdadeira guerra cria para os participantes é assim transmitida, com a linguagem dos bonecos, de uma forma simples, mas muito forte, e destaca o profundo absurdo das situações que uma guerra pode gerar.

Quando me vi em situações difíceis do ponto de vista da criação artística, entendi que os bonecos podiam me ajudar e que, com sua linguagem, eu conseguia lidar de maneira simples, mas eficaz, com emoções complexas.

Essa capacidade de síntese dos bonecos em expressar emoções complexas passa pela sua voz, feita de sons e movimentos, que estão além do senso comum, para encontrar um significado primeiro, oculto, que nos permite enfrentar e superar dificuldades aparentemente insuperáveis.

Acho que o sentido profundo que vive na voz dos bonecos está em seu aparente absurdo, em estar fora da lógica a que estamos

acostumados. Em seu absurdo e irrealidade encontram-se seu poder comunicativo que, indo além do racional, nos ajuda a enfrentar os momentos em que o racional não alcança. Certamente, os bonecos não são capazes de parar guerras, ou mudar o mundo, mas podem nos ajudar a resolver e superar o insuperável e o incompreensível. Podem nos ajudar a continuar a viver nos momentos mais desesperadores mesmo quando e onde possa parecer que não vale a pena.

Isso, geralmente, acontece com histórias do repertório tradicional quando se trabalha com crianças pequenas. Elas parecem compreender imediatamente o valor simbólico das histórias representadas e transpor o sentido libertador de algumas cenas relativas aos velhos medos infantis, que as crianças começando a vida parecem viver de uma forma muito forte, o medo de monstros ou da morte. Parece que o jogo do Polichinelo, com esses personagens, ajuda-os a superá-los.

Por essa razão, as censuras, que, frequentemente, tenta-se fazer na linguagem dos bonecos, não são apenas deslocadas, mas absolutamente prejudiciais. Sobretudo, penso naqueles educadores que falam do efeito danoso da violência dos bonecos sobre as crianças. Eu trabalhei muito com a infância. Naturalmente, pode acontecer de se encontrar crianças que têm medo de bonecos e, nesse caso, deve-se respeitá-las e ter muito cuidado para não criar traumas inúteis. Na minha experiência, notei que as reações fóbicas ou traumáticas não são determinadas pelos bonecos, mas provêm de outras experiências que os bonecos podem despertar. Então, o bonequeiro precisa ter sensibilidade para entender isso e ajudar a criança a superar o trauma, talvez, diminuindo o ritmo do espetáculo, especialmente, prestando atenção na criança e mostrando amor. A criança que se sente ouvida, também se sente ajudada, é isso acima de tudo, que ela pede e pode fazê-la recuperar a confiança em si mesma e no mundo ao seu redor. Em geral, porém, as crianças entendem muito bem que o mundo dos bonecos não é o mundo real e riem alegremente das pauladas que as ajudam de alguma forma a superar seus medos.

Quero contar ainda outro episódio em que os bonecos se

tornaram uma arma muito forte de denúncia. Durante a escola das *guarattelle*, no ano 2000, tive um estudante que veio da prisão juvenil. Era um sujeito difícil, considerado pelo diretor da prisão como irrecuperável. O diretor concedeu permissão ao menino para frequentar a escola, convencido de que ele iria se aproveitar disso para escapar. O rapaz apaixonou-se pelos bonecos e começou a frequentar a escola com prazer. Isso não agradou ao diretor que criou uma situação de revolta na prisão para não permitir ao jovem voltar a escola. Consegui, graças à intervenção de um juiz, resolver o problema, mas não satisfeito, encontrei uma maneira de representar simbolicamente o que havia acontecido, fazendo uma denúncia dentro da prisão através da linguagem dos bonecos.

Um personagem misterioso, “o homem azul”, exige que Polichinelo lhe peça permissão para cantar e dançar. Polichinelo, como de costume, responde a pauladas. Eis que acontece o inesperado. “O homem azul” é um mágico capaz de ficar mais forte a cada bastonada que recebe e com uma fórmula misteriosa congela, prende e coloca o Polichinelo na prisão. Polichinelo chora, se desespera e invoca São Januário⁶, protetor da cidade de Nápoles. O santo revela ao Polichinelo o segredo para derrotar o homem azul: “beijos e carinhos”. Assim termina o espetáculo com esse terrível inimigo destruído após ser beijado por Polichinelo.

O espetáculo teve um duplo efeito, irritar as autoridades, mas acima de tudo deixou claro para o rapaz que a violência é uma arma perigosa que pode se voltar contra aqueles que a usam, e cujos os resultados podem ser obtidos usando diferentes linguagens.

Eu poderia falar longamente sobre as minhas experiências e de como a linguagem dos bonecos permitiu-me comunicar com pessoas que eu não conhecia a língua, para dizer algo em situações difíceis, hospitais, zonas de guerra, cárceres, manicômios, bairros difíceis, orfanatos e outros.

Devemos entender, acima de tudo, que os bonecos não falam

⁶ NT: San Gennaro.

a nossa língua, de modo que, nem sempre conseguimos entender o falar deles. Devemos deixá-los livres para expressarem-se, mesmo quando não os compreendemos. Se nos divertem ou emocionam, estão nos dizendo alguma coisa, se nos entediam, provavelmente não estão dizendo nada de interessante. A voz e a fala dos bonecos representam um mundo distinto do que conhecemos, o bonequeiro deve dar passagem a este mundo. Esse mundo bem compreendido dá ao bonequeiro uma liberdade que lhe permite encarar cada público de maneira diferente, tornando assim o espetáculo um evento único, que vive apenas naquela situação e com aquele público. A arte se aprende, sobretudo, através do exemplo dos mestres e da experiência, mas isso não é o suficiente, o importante é a capacidade de escuta nas diferentes situações e que dificilmente pode ser ensinada, então a língua dos bonecos nos ajudará quase sem esforço a encantar o público. Muitas vezes, depois de um espetáculo, o público adulto, se estiver contente, agradece e diz que retornou à infância. Essa expressão deve ser entendida em sua totalidade. Voltar à infância significa que se despertou em nós a capacidade de “redescobrir” o porquê das coisas, e esse é o efeito mais importante que esta arte pode fazer renascer naqueles que tornaram-se adultos, prosseguindo nas próprias escolhas sem interrogar o que estão fazendo da vida e sobre o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Autoritratto nello studio**. Milano: Nottetempo, 2017.

APÊNDICE

Dom Polichinelo de La Mancha contra o Homem Azul

Dom Polichinelo de la Mancha:

(canta “Como mamãezinha te fez”)

Homem Azul:

Aqui é proibido cantar!

Dom Polichinelo de la Mancha:

Mamma mia, que sujeito feio. Quem é você?

Homem Azul:

Eu sou o Homem Azul

Dom Polichinelo de la Mancha:

E por que é proibido cantar?

Homem Azul:

Porque para cantar devem pedir a minha permissão primeiro.

Dom Polichinelo de la Mancha:

Ué he he he he! Espera, espe...!

(Regresa com um bastão e o golpeia)

Homem Azul:

Ha, ha, ha! Uma surra? Dez anos sem cantar nem dançar, e em dez anos se você quiser cantar e dançar terá que me pedir permissão para isso!

Dom Polichinelo de la Mancha:

Aqui! Toma!

(Dá-lhe um golpe)

Homem Azul:

Ha, ha, ha, ha! Outro golpe? Trinta anos sem cantar nem dançar e se em trinta anos ainda você quiser dançar e cantar, deverá pedir permissão para mim!

Dom Polichinelo de la Mancha:

E toma a permissão dos trinta anos!

(O golpeia de novo)

Homem Azul:

Ha, ha, ha, ha! Três golpes! Três cacetadas? Eu queria isso! É preciso três pauladas para usar o meu poder!

Dom Polichinelo de la Mancha:

É mesmo?

E de que poder se trata?

Homem Azul:

Espera e verás!
 Deus do poder azul
 Filho de Satanás e Belzebú
 Em nome do pirulito consagrado
 Por todos respeitado
 E nunca imaculado
 Dá-me o poder para deixar o Polichinelo
 encarcerado

Dom Polichinelo de la Mancha:

Ah sim! Espere por isso!!! (Tenta mover-se, mas está congelado). O que está acontecendo? Não posso me mexer!

Homem Azul:

Ha, ha, ha, ha! Você é meu prisioneiro! Este é o meu poder: converter sua estúpida violência na minha força!
 Agora me dá o porrete! (Toma-lhe)
 E agora a cadeia! (O encarcera e se afasta)

Dom Polichinelo de la Mancha:

Ai! Ai! Pobre de mim! São Januário, me ajude!

São Januário: (aparece)

O qué há Polichinelo? O Pai Eterno não se diverte mais, porque não se ouve o ruivo das tuas pauladas e golpes no Paraíso

Dom Polichinelo de la Mancha:

Estou preso!

São Januário:

Quem te prendeu?

Dom Polichinelo de la Mancha:

O Homem Azul

São Januário:

E você lutou contra o Homem Azul? Não sabe que ele é muito poderoso?

Dom Polichinelo de la Mancha:

Não, não sabia

Buá aaaah!

(Chora)

São Januário:

OK Polichinelo

direi para você o segredo para derrotar o Homem Azul.

Dom Polichinelo de la Mancha:

Qual é?

São Januário:

beijos e carinhos!

Dom Polichinelo de la Mancha:

Eca! Que nojo! Pu! Pu!

São Januário:

Mas, o que você queria fazer ao Homem Azul?

Dom Polichinelo de la Mancha:

Eu queria matá-lo!

São Januário:

Como os humanos são estúpidos, para vocês todos devem morrer. Deus! Você é muito mau, “Ele” faz as pessoas más arderem eternamente!

Dom Polichinelo de la Mancha:

Eu também quero queimá-lo

São Januário:

Faça o que digo! Beijos e carinhos e arderá para sempre! Beijos e caríiiiiinhos ... (sai)

Dom Polichinelo de la Mancha:

Está beem!

Homem Azul: (aparece)

Caro Dom Polichinelo, se acalmou? Então, tiro você da cadeia, (tira-lhe da cadeia), mas que corajoso, você se tornou verdadeiramente bom, devolvo o teu bastão

Dom Polichinelo de la Mancha:

Não quero...

Homem Azul:

Toma!

Dom Polichinelo de la Mancha:

Não quero (Joga o bastão longe)

Homem Azul:

E então você quer o que?

Dom Polichinelo de la Mancha:

Quero te fazer um carinho (o acarícia)

Homem Azul:

Nááão náão carinho nááão

Dom Polichinelo de la Mancha:

Você quer abraços? (o abraça)

Homem Azul:

Nááão náão abraços nááão

Dom Polichinelo de la Mancha:

Você quer beijos? (o beija)

Homem Azul:

Nááão! Aaaah!

(Estala em chamas e desaparece)

Dom Polichinelo de la Mancha:

Ué he he he he! Teresina Teresina!

Teresina:

Bravo Polichinelo! Você venceu todo mundo!

Agora sim, Polichinelo, agora sim vamos nos casar! Já preparei tudo, inclusive os convites

Dom Polichinelo:

Rumbora casá! Se amarrá, se amarrá, se amarrá
(se beijam e dançam)

(Tarantela Final)